

A primeira cultura foi de estacas, seguindo após a plantação de sementes e assim chegou a novel indústria a conta com cêca de 120 000 pés de amoreiras. Com êste número, dizia Tavares, suficiente para ciar cêca de 600 onças de «sementes», do bicho-da-sêda e, dando cada árvore, conforme constatou na região, quatro colheitas em um ano, achava o bastante para quadruplicar a criação.

Dêste modo estava assegurada a matéria-prima da indústria setífera na «Baixada de Sepetiba» e, conseqüentemente, a instalação do estabelecimento Seropédico em nosso país.

Conta-nos Mendes Antas, que sendo o fio da sêda produzido por uma lagarta que, em determinada época do ano, forma com êle um novêlo ou casulo, cultivavam-se na Seropédica de Itaguaí várias espécies delas, inclusive um Lepidóptero indígena, produzindo grande quantidade de sêda, porém não aproveitável.

De tôdas elas foram selecionadas as espécies: Sina, produzindo casulos brancos; Trivoltini, com casulos amarelos e uma outra proveniente do cruzamento daquelas duas, a qual o proprietário do estabelecimento batizou pelo nome de Diocroma, produzindo casulos, ora amarelos, ora brancos.

Todos aquêles bichos-da-sêda possuíam quatro mudas e viviam tonta e dois dias — explica-nos o cidadão Mendes — e o viveiro destinado à criação era um sobrado de pedra e cal com paredes de tijolos ocupando uma área de 100 braças quadradas, tendo o lado menor cêca de 5 braças.

Num outro sobrado com cêca de 7 337 palmos quadrados, havia casuleiros e caniçados, permitindo fácil criação numa superfície de 11 520 palmos quadrados, distribuídos em várias ordens. Neste mesmo sobrado estavam localizadas estufas exclusivamente para «chôco», uma sala ao lado servia à exposição de sêda e sua arrecadação.

Em edifício distante cêca de 40 palmos do viveiro, ficavam o laboratório e a fiação, também construído de alvenaria de pedra e tijolo, ocupando uma área de 6 000 palmos quadrados, tendo 48 palmos de fundo.

A fiação ocupava, no edifício, um espaço de trinta e cinco sôbre quarenta palmos, onde se processava o desenvolvimento do fio simples do casulo, o qual consistia em tirar as fibras do mesmo e convertê-las em fios para, em seguida, serem fiados em tranças.



*O Solar da Seropédica de Itaguaí na época do Cap. Luiz Rezende*

O Solar da Seropédica de Itaguaí, na época do capitão Luiz de Rezende, em 1866